



"Leitura obrigatória para os fãs de histórias
épicas de amor com cenas sexy."
– *Crossroads Reviews*



REBECCA YARROS

Autora de Quarto asa

TUDO QUE DEIXAMOS INACABADO





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

TUDO QUE
DEIXAMOS
INACABADO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



REBECCA YARROS

TUDO QUE
DEIXAMOS
INACABADO



Título original: *The Things We Leave Unfinished*
Copyright © 2021 por Rebecca Yarros

Publicado originalmente por Amara, um selo da Entangled Publishing, LLC.

Copyright da tradução © 2024 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Alliance Rights e Sandra Bruna
Agência Literária, SL.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado

produção editorial: Ana Sarah Maciel

tradução: Alessandra Esteche

preparo de originais: Karen Alvares

revisão: Ana Grillo e Rachel Rimas

diagramação: Guilherme Lima e Natali Nabekura

capa: Renata Vidal

imagens de capa: Natalia Hubbert / Shutterstock (tag militar);
mimomy / Shutterstock (cartas); KanKhem / Shutterstock (carta com lacre de
coração); Iragraphics / Shutterstock (máquina de escrever, flores, livros, chave);
Lisa Glanz / DesignCuts (fundo texturizado)

foto da autora: © Katie Marie Seniors

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Y32t

Yarros, Rebecca

Tudo que deixamos inacabado [recurso eletrônico] / Rebecca Yarros ; tradução
Alessandra Esteche. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2024.

432 p., recurso digital

Tradução de: The things we leave unfinished

Formato: e-book

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-621-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

24-87704

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 - Pinheiros
05404-014 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 - Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Jason

Para os dias em que os estilhaços sobem à superfície e nos lembram de que, após cinco missões no exterior e 22 anos fardados, a sorte é toda nossa, meu amor.

Nós somos o relâmpago que ilumina o céu.

SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro



CAPÍTULO 1

GEORGIA

Meu querido Jameson,

Este não é o fim para nós. Meu coração estará sempre com você, não importa onde esteja. O tempo e a distância são apenas inconveniências para um amor como o nosso. Quer passem dias, meses ou até anos, continuarei esperando. Não continuaremos esperando. Você vai me encontrar onde o riacho faz a curva envolvendo os álamos dançantes, como nós dois sonhamos, esperando pela pessoa que amamos. Estou morrendo por ter que deixá-lo, mas vou fazer isso por você. Vou garantir que estejamos em segurança. Vou esperar por você cada segundo, cada hora, cada dia, pelo resto da minha vida... e, se não for suficiente, pela eternidade, que é o tempo que vou te amar, Jameson.

Volte para mim, meu amor.

Scarlett

Georgia Ellsworth. Passei o polegar no cartão de crédito, desejando poder esfregá-lo com força suficiente para apagar as letras. Seis anos de casamento, e a única coisa que me restou foi um nome que nem era meu.

Em alguns minutos, eu não teria mais nem isso.

– Número 98? – chamou Juliet Sinclair, atrás da divisória de acrílico de seu guichê, como se eu não fosse a única pessoa no Departamento de Trânsito de Poplar Grove e não tivesse passado a última hora ali.

Havia aterrissado em Denver de manhã, dirigido a tarde toda e ainda nem passara em casa; esse era o nível do meu desespero para me livrar dos últimos resquícios de Damian em minha vida.

Eu tinha a esperança de que, tirando aquele nome, perder o marido e seis anos da minha vida fossem doer um pouquinho menos.

– Aqui.

Guardei o cartão e fui até o guichê.

– Seu número? – perguntou a funcionária, estendendo a mão com um sorrisinho de satisfação que não tinha mudado muito desde a escola.

– Eu sou a única pessoa aqui, Juliet.

A exaustão latejava em cada nervo do meu corpo. Se eu conseguisse vencer aquela etapa, poderia me aninhar na poltrona grande do escritório da Bisa e ignorar o mundo pelo resto da vida.

– As normas ditam...

– Ah, para, Juliet. – Sophie revirou os olhos e entrou no guichê de Juliet.
– Já estou com os documentos da Georgia mesmo. Vá fazer um intervalo ou algo do tipo.

– Tá bom. – Juliet se afastou do balcão, deixando a cadeira livre para Sophie, que tinha se formado um ano antes de nós. – Foi um prazer, Georgia.

Ela abriu aquele sorriso enjoado de tão doce, olhando para mim.

– O prazer foi meu – falei, com o sorriso treinado que vinha me servindo de cola nos últimos anos, evitando que eu me despedaçasse enquanto todo o resto se desintegrava.

– Sinto muito por isso. – Sophie se encolheu, franzindo o nariz e

ajeitando os óculos. – Ela... Bom, ela não mudou muito. Enfim, tudo parece estar em ordem.

Ela me devolveu os papéis que eu tinha recebido do advogado na tarde anterior, com meu documento de identificação novo, e eu guardei tudo no envelope. Era irônico que, enquanto minha vida desmoronava, a manifestação física da dissolução se mantivesse unida por um grampo perfeitamente posicionado a 45 graus.

– Não li o acordo nem nada – disse ela, com a voz suave.

– Saiu na *Celebridades!* – cantarolou Juliet ao fundo.

– Nem todo mundo lê revista lixo de fofoca! – retrucou Sophie, olhando para trás, e então sorrindo para mim com delicadeza. – Todo mundo aqui ficou muito orgulhoso por você ter mantido a cabeça erguida no decorrer... disso tudo.

– Obrigada, Sophie – respondi, engolindo o bolo na garganta.

A única coisa pior que o fracasso de um casamento após todos terem me alertado que eu estava entrando numa furada era ver meu sofrimento e minha humilhação publicados em todos os sites e revistas que serviam aos amantes de fofocas que devoram tragédias pessoais em nome de um prazer duvidoso. Manter a cabeça erguida e a boca fechada quando câmeras se projetavam na minha direção foi exatamente o que me rendeu o apelido de “Rainha do Gelo” naqueles seis meses, mas, se esse era o preço por manter o que restava da minha dignidade, eu aceitava pagar.

– E aí, posso dizer “bem-vinda de volta”? Ou está só de passagem?

Ela me entregou um papelzinho impresso que serviria como carteira de motorista temporária até que a nova chegasse pelo correio.

– Voltei para ficar.

Minha resposta poderia muito bem ter sido transmitida pelo rádio. Juliet se certificaria de que toda a população de Poplar Grove soubesse antes mesmo do jantar.

– Bom, então bem-vinda de volta! – Sophie abriu um sorriso largo. – Ouvi dizer que sua mãe também está na cidade.

Meu estômago se revirou.

– É mesmo? Eu... é... ainda não fui lá.

Ouvi dizer significava que tinham visto minha mãe em uma das duas mercearias da cidade ou no bar. A segunda possibilidade era muito mais provável que a primeira. Mas, pensando bem, talvez fosse uma boa...

Não termine essa frase.

Era melhor não pensar que minha mãe estava lá para me ajudar, pois eu poderia sofrer uma decepção esmagadora. Ela devia querer alguma coisa.

Pigarreei.

– E como vai seu pai? – perguntei.

– Ele está bem! Os médicos acham que tiraram tudo desta vez. – A expressão de Sophie se fechou. – Sinto muito pelo que aconteceu com você, Georgia. De verdade. Não consigo nem imaginar meu marido... – Ela balançou a cabeça. – Enfim, você não merecia aquilo.

– Obrigada. – Desviei o olhar e vi a aliança no dedo dela. – Mande um oi para o Dan.

– Pode deixar.

Saí para o sol da tarde, que coloria a Main Street com um brilho reconfortante e digno das imagens de Rockwell, e suspirei aliviada. Tinha meu nome de volta e a cidade continuava exatamente como eu lembrava. Famílias passeavam, aproveitando o clima do verão, e amigos conversavam no cenário pitoresco das Montanhas Rochosas. Poplar Grove tinha uma população menor que sua altitude, grande o bastante para demandar meia dúzia de semáforos e tão pequena que a privacidade era um bem raro. Ah, e tinha uma livraria excelente.

A Bisa havia cuidado disso.

Joguei os documentos no banco do carona do carro alugado e fiz uma pausa. Minha mãe devia estar em casa – nunca exigi que ela devolvesse a chave após o velório. De repente, a vontade de ir para casa passou. Aqueles últimos meses tinham sugado minha compaixão, minha força e até minha esperança. Eu não sabia lidar com minha mãe quando tudo o que me restava era a raiva.

Mas agora eu estava em casa, onde poderia recarregar as energias até me sentir plena de novo.

Recarregar. Era exatamente o que eu precisava fazer antes de encontrar

minha mãe. Atravessei a rua em direção à Mesa de Cabeceira, a loja que a Bisa tinha ajudado a abrir com uma de suas amigas mais próximas. De acordo com o testamento, agora eu era a sócia comanditária. Eu era... tudo.

Senti um aperto no peito ao ver a placa de “Vende-se” onde antes era a pet shop do Sr. Navarro. Fazia um ano que a Bisa tinha me contado que ele havia falecido. Aquele imóvel na Main Street era excelente. Por que nenhum outro negócio o assumira? Será que Poplar Grove estava com dificuldades financeiras? Essa possibilidade atingiu meu estômago como leite azedo quando entrei na livraria.

A loja cheirava a pergaminho e chá, misturados a um toque de poeira e lar. Nunca consegui encontrar nada próximo àquele aroma acolhedor nas redes de livrarias enquanto morei em Nova York, e a tristeza ardeu em meus olhos assim que respirei lá dentro. Fazia seis meses que a Bisa tinha nos deixado, e eu sentia tanto sua falta que parecia que meu peito ia desmoronar com o buraco que ela havia deixado.

– Georgia? – A Sra. Rivera me olhou boquiaberta por um instante antes de abrir um sorriso largo atrás do balcão, equilibrando o telefone entre a orelha e o ombro. – Só um segundinho, Peggy.

– Oi, Sra. Rivera. – Sorri e acenei para seu rosto familiar e acolhedor. – Não desligue por minha causa. Só estou dando uma passadinha.

– Bom, é maravilhoso ver você! – Ela olhou para o telefone. – Não, não você, Peggy. Georgia acabou de entrar aqui! – Seus olhos castanhos calorosos voltaram a encontrar os meus. – É, *essa* Georgia.

Acenei mais uma vez enquanto elas continuavam a conversa, então fui até a seção de romances, onde a Bisa tinha várias prateleiras dedicadas aos livros que ela havia escrito. Peguei o último romance que ela publicou e o abri para ver seu rosto. Nós duas tínhamos os mesmos olhos azuis, mas ela desistiu de pintar o cabelo que um dia fora preto por volta do aniversário de 75 anos, um ano após minha mãe ter me largado à sua porta pela primeira vez.

A foto da Bisa era toda pérolas e blusa de seda, enquanto a mulher real era um macacão coberto de terra do jardim e um chapéu largo o bastante

para cobrir toda a cidade, mas o sorriso era o mesmo. Peguei outro livro, mais antigo, só para ver outra versão daquele sorriso.

O sino da porta tocou e, em seguida, um homem falando ao celular começou a percorrer a seção de ficção logo atrás de mim.

– “Uma Jane Austen dos dias atuais” – sussurrei, lendo a citação da capa.

Nunca deixei de me surpreender com o fato de a Bisa ser a alma mais romântica que já conheci, embora tivesse passado a maior parte da vida sozinha, escrevendo livros sobre o amor, sentimento que viveu durante poucos anos de sua vida. Quando ela se casou com meu bisavô Brian, eles viveram apenas uma década juntos antes que o câncer o levasse. Talvez as mulheres da minha família fossem amaldiçoadas no amor.

– Mas que porcaria é essa? – perguntou o homem em voz alta.

Minhas sobrancelhas se ergueram de repente, e olhei para trás. Ele tinha nas mãos um livro de Noah Harrison, com duas pessoas naquela posição clássica de quase beijo na capa. Vai entender...

– Porque eu não estava olhando meus e-mails no meio dos Andes, então, pois é, essa é a primeira vez que vejo o último lançamento.

O cara praticamente fervia de raiva ao pegar outro livro de Harrison, segurando os dois lado a lado. Dois casais diferentes, mesma pose.

Eu com certeza ficaria com a minha escolha de leitura, ou com qualquer outro livro daquela seção.

– São iguaizinhas, esse é o problema. O que tinha de errado com a... Sim, tô puto! Passei dezoito horas viajando e, caso você tenha esquecido, encurtei minha viagem de pesquisa para estar aqui. Estou te dizendo que elas são *iguaizinhas*. Espera, vou provar. Moça?

– Pois não?

Eu me virei de leve e, quando ergui a cabeça, as duas capas estavam enfiadas na minha cara. *Sem noção*.

– Essas capas parecem iguais para você?

– Aham. Dá para confundir um com o outro.

Coloquei um dos livros da Bisa de volta na prateleira e sussurrei uma despedida mentalmente, como sempre fazia quando visitava um de seus

livros numa livraria. Será que algum dia ficaria mais fácil suportar aquela saudade?

– Viu? Elas não deveriam ser iguais! – retrucou o cara.

Eu esperava que ele tivesse falado isso com a pobre alma do outro lado da linha, porque aquilo não acabaria bem se ele estivesse usando esse tom comigo.

– Bom, os livros dele também são todos iguais – murmurei. *Droga.* Escapou sem que eu tivesse tempo de me conter. Acho que meu filtro estava tão anestesiado quanto meus sentimentos. – Desculpa...

Eu me virei mais, levantando o olhar até encontrar duas sobrancelhas escuras erguidas em choque acima de dois olhos igualmente escuros. *Uau.*

Meu coração partido acelerou, como acontecia com todas as heroínas dos livros da Bisa. Ele era o homem mais lindo que eu já tinha visto – e olha que, como ex-esposa de um diretor de cinema, eu tinha alguma experiência nesse quesito.

Ah, não, não, não. Você é imune a homens bonitos, a parte lógica do meu cérebro alertou, mas eu estava ocupada demais olhando fixamente para ele para ouvir.

– Não são todos... – Ele me olhou, atordoado. – Já te ligo de volta.

Ele segurou os dois livros com uma das mãos e desligou e guardou o celular no bolso.

Parecia ter mais ou menos a minha idade – quase 30, talvez 30 e poucos –, com pelo menos 1,80 metro de altura e o cabelo preto, naquele estilo “acabei de acordar”, que caía de forma natural sobre a pele bronzeada até alcançar as sobrancelhas pretas erguidas e os olhos castanhos impossivelmente escuros. O nariz era reto, os lábios entalhados em linhas exuberantes que só serviam para me lembrar quanto tempo fazia que eu não era beijada, e o queixo sombreado por uma barba leve por fazer. Ele tinha linhas angulosas e esculpidas e, pelo tônus dos músculos em seus antebraços, eu apostaria a loja que ele conhecia bem o interior de uma academia... e provavelmente de um quarto.

– Por acaso você acabou de dizer que todos os livros são iguais? – perguntou ele, bem devagar.

Olhei para ele, aturdida. *Ah, é. Os livros.* Mentalmente, dei um tapa em mim mesma por perder a linha de raciocínio por causa de um rostinho bonito. Fazia vinte minutos que eu tinha recuperado meu nome, e homens estavam fora de cogitação, pelo menos por um tempo. Além disso, ele nem era dali. Considerando as dezoito horas de viagem ou não, aquela calça sob medida gritava que era de grife, e as mangas da camisa branca de linho estavam dobradas bem ao estilo casual que não tem nada de casual. Os homens de Poplar Grove não estavam nem aí para calças de mil dólares ou sotaques nova-iorquinos.

– Bem por aí. Garoto encontra garota, eles se apaixonam, uma tragédia acontece, alguém morre. – Dei de ombros, orgulhosa por não sentir nenhum calor subindo até meu rosto para me delatar. – Acrescente um drama judicial, um pouco de sexo insatisfatório mas poético e talvez uma cena na praia, e pronto. Se esse for o seu gosto, qualquer um dos livros dele serve.

– Insatisfatório? – Aquelas sobrancelhas se uniram enquanto ele olhava de um livro para o outro, voltando então a me encarar. – Não é *sempre* que alguém morre.

Acho que ele leu um ou dois livros do Harrison.

– Tá, oitenta por cento do tempo. Você mesmo pode conferir – sugeri. – É por isso que ele está desse lado – falei, apontando para a placa que dizia ficção – e não deste. – Apontei para a placa que dizia livros de romance.

Ele ficou de queixo caído por uma fração de segundo.

– Ou quem sabe as histórias dele envolvam mais que só sexo e expectativas irreais.

A beleza dele diminuiu um pouquinho aos meus olhos quando ele acertou em cheio uma das minhas maiores implicâncias.

Fiquei arrepiada.

– Livros de romance não falam sobre expectativas irreais e sexo, e sim sobre amor e superação das adversidades por aquilo que pode ser considerado uma experiência universal.

Foi isso que aprendi com a Bisa e lendo milhares desses livros ao longo dos meus 28 anos.

– E, pelo que parece, sexo *satisfatório*. – Ele arqueou uma sobrancelha.

Torci para não ficar vermelha com o modo como seus lábios pareceram acariciar aquelas duas palavras.

– Ei, se você não gosta de sexo, ou se fica tão desconfortável diante de uma mulher que acolhe sua sexualidade, isso diz mais sobre você do que sobre o gênero, não acha? – Inclinei a cabeça para o lado. – Ou é o “felizes para sempre” que te incomoda?

– Sou a favor do sexo, e de mulheres que acolhem sua sexualidade, e do “felizes para sempre”. – A voz dele saiu como um rosnado.

– Então esses livros aí não fazem mesmo seu estilo, porque a única coisa que eles abordam é a tristeza universal. Mas, se é disso que você gosta, divirta-se.

Isso porque eu queria deixar a Rainha do Gelo para trás. Ali estava eu, discutindo com um completo estranho numa livraria.

Ele balançou a cabeça.

– São histórias de amor. Diz bem aqui.

Ele ergueu uma das capas, que por acaso tinha um elogio da Bisa. O elogio. Aquele que a editora implorou à Bisa tantas vezes que ela finalmente acabou cedendo, e eles se contentaram com o que ela disse.

– “Ninguém escreve histórias de amor como Noah Harrison” – li com um sorrisinho nos lábios.

– Eu diria que Scarlett Stanton é bastante respeitada no ramo das histórias de amor, não? – Um sorrisinho sensual e mortal surgiu em seu rosto. – Se ela diz que é uma história de amor, então é uma história de amor.

Como alguém com uma beleza tão devastadora podia me irritar tanto?

– Eu diria que Scarlett Stanton foi sem dúvida a escritora de romances *mais* respeitada de sua geração.

Balancei a cabeça, guardei o outro livro da Bisa no lugar e me virei para me afastar antes que perdesse a cabeça por completo com aquele homem usando o nome dela como se a conhecesse.

– Então a recomendação dela é garantida, não é? Se um cara quiser ler uma história de amor. Ou você só aprova histórias de amor escritas por mulheres? – perguntou ele atrás de mim.

Sério mesmo? No final do corredor, eu me virei para ele, o mau humor

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tudo que deixamos inacabado" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).